

Cinema

A Terceira Margem ganha só aplausos formais

Filme do Nelson Pereira dos Santos não entusiasma público na pré-estréia

Uma seleta platéia lotou anteanem à noite o Cine Brasília, na pré-estréia brasileira de *A Terceira Margem do Rio*, 16ª longa-metragem de Nelson Pereira dos Santos. O filme, baseado em cinco contos de *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, não chegou a entusiasmar o público, que no final da exibição rendeu aplausos formais.

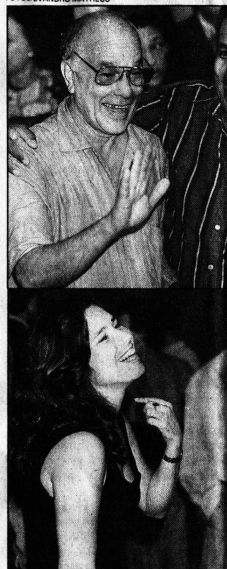
Considerado o marco da retomada da produção cinematográfica nacional, *A Terceira Margem* chegou às telas cercado de expectativas. Muitos esperavam que Nelson Pereira voltasse, depois de sete anos sem filmar, com uma obra-prima. Para alguns espectadores, o filme está entre os melhores do diretor, ao lado de *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*. Para outros, no entanto, Nelson não foi tão feliz na adaptação de Rosa, um dos mais complexos escritores brasileiros.

Não se pode negar a ousadia de Nelson Pereira. Primeiro, ao trazer o universo de Rosa para a linguagem cinematográfica. Depois, por tentar atualizar e universalizar os personagens trazendo-os para a periferia de um centro urbano. Tecnicamente, *A Terceira Margem* é um filme bem acabado. A fotografia e a trilha sonora (de Milton Nascimento) reforçam a magia inicial da narrativa, especialmente nas sequências rurais, de uma beleza e uma poesia raramente vistas nas produções nacionais de outras lavras. Mas o fio que conduziu a emoção na narrativa rompe-se quando a ação vem para a cidade, incorporando uma simbologia que foge aos personagens de Guimarães Rosa e desviando a atenção do espectador para uma série de histórias paralelas que não contribuem para contar a principal.

No final, fica a sensação de que o filme não cresce a ponto de levar o público a viajar com ele pelos contos de Rosa. E deixa mais que a insatisfação, uma certa tristeza por não ter provocado a catarse tão esperada.

■ Anamaria Rossi

FOTO:EVANDRO MATHÉUS



Nelson Pereira festejou a pré-estréia com Mariane Vicentini e com o ministro Luis Roberto Nascimento Silva



■ Depoimentos

Miguel Faria Jr. (Cineasta e Secretário Nacional de Audiovisual) — "Adorei. É um dos grandes filmes de Nelson Pereira dos Santos. Me agrada a direção, a fotografia, a música, a concepção do filme como um todo. Ele resgata o melhor do cinema brasileiro, a originalidade na maneira de contar a história, que não repete a dramaturgia careta das novelas. Essa é uma das grandes virtudes do filme. É claro que, se eu fosse um crítico chato, poderia ficar pingando defeitos. Mas antes eu gostaria 12 horas para falar dos qualidades".

Vladimir Carvalho (Cineasta, autor de *Contrastes e Velhos de Guerra*) — "Nelson Pereira acertou mais uma vez. Fez uma soma estilística de sua própria obra, trabalhando num ponto de confluência entre a cidade e o campo, em que ele se tornou especialista. O filme é uma

reflexão sobre a realidade estrutural brasileira. Uma viagem feliz à profundidade do sertão. Não é um filme fácil, envolve lentamente o espectador, mas tem a força e a emoção de seus melhores filmes. Nelson é um milagreiro do cinema e foi muito feliz ao transpor Guimarães Rosa para o código cinematográfico".

André Luis Oliveira (Cineasta, diretor de *Meteorango Kid*) — "Não se pode falar neste filme sem pensar na obra de Nelson Pereira. Ele tem um pouco de *Vidas Secas*, de *O Amuleto de Ogum*, de *Memórias do Cárcere*. É um mosaico, uma síntese de sua obra. E, por isso, às vezes desanda, às vezes fica manco. Mas esse mancar é interessante. Esse olhar primitivo, infantil-senil do Nelson é muito bonito. *A Terceira Margem* é a cara do Nelson. Tenho algumas críticas ao roteiro.



André Luis

Roberto Pires

Acho que ele esquece certos sinais, se perde nas outras histórias e só retorna a mais forte (*A Terceira Margem do Rio*, que é o espaço interior) no final. Poderia fazer alusão a ela no decorrer da narrativa, ao estado de submissão do Liojorge ao pai".

Roberto Pires (Cineasta, diretor de *Célio 137*) — "O filme correspondeu às

minhas expectativas. Destaca o roteiro, que reúne cinco histórias em uma e mantém e apreensão do público. É evidente que o filme tem um tempo diferente, é menos descritivo, moderno. Mas não vi defeitos que possam prejudicá-lo. Eu estava lá para ver o que o filme tem de bom, e não os defeitos. Tenho esperança de que esse filme venha a reanimar o público e os exibidores em relação ao cinema brasileiro e que conquise prêmios em Berlim".

Geraldo Vieira (Jornalista e Assessor de Comunicação Social do Ministério da Cultura) — "Fiquei do-lambado com a sequência em que Liojorge persegue o vaquinha. É fantástica pela luz, pela fotografia, pelo ator (Ilya Sio Paulo) e pela trilha sonora. Mas não há momento do filme nenhum outro momento tão tocan-



Miguel Faria Jr



Carvalho

te. Faltou o vigor da palavra, da literatura, e um roteiro que soubesse valorizar mais as duas histórias principais — a santinha e o velho. O roteiro peca pelo excesso de histórias paralelas".

Sérgio Porto (Escritor e professor-doutor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília) — "Quando se

trata de Nelson Pereira dos Santos a gente vê esperando uma obra-prima. E ela não veio. O filme é mal resolvido no nível do roteiro e da montagem. A melhor parte é a do sertão mineiro. Quando vai para a cidade, fica comprometido. O que se espera de um bom roteirista é que ele saiba contar histórias e resolver determinadas situações. E o filme tem problemas na solução que ele dá para a adaptação dos contos. Nelson Pereira está pagando muito caro por ter ficado sete anos sem filmar. No início do filme, quando ele consegue manter o espírito de Guimarães Rosa, é maravilhoso. A questão do pai que desaparece mas não desaparece é muito bem resolvida. Mas quando o caixão da menina mineira voa, por exemplo, ele já começa a dar arres muito pragmáticos à fantasia de Rosa".